

O USO DAS COMPETÊNCIAS COMO ESTRATÉGIA FACILITADORA PARA PROFESSORES DE ENSINO INFANTIL: O DESENHO COMO FORMA DE LEITURA DE MUNDO DA CRIANÇA

George Hoffermand Rizzat Gomes de Souza; Fernanda de Melo Coelho; Railce da Silva de Azevedo; Denilson Diniz Pereira.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS-UFAM
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS EDUCAÇÃO E ZOOTECNIA-ICSEZ
George_hoffermand@hotmail.com

RESUMO:

Será dialogado neste artigo o uso das competências como ferramentas para os professores, tendo como pontos norteadores a interdisciplinaridade e o desenho como estratégia mediadora de conhecimentos, para que os indivíduos no seu processo de aprendizagem possam estabelecer competências, mediadas pelo conhecimento do professor e do aluno. O propósito do estudo, portanto, é tecer algumas considerações sobre o eixo principal em torno do qual conduzam as concepções do método didático. Podendo desenvolver os diferentes tipos de habilidade na criança, no qual segundo Coll e Gillieron (1987:30), tem como objetivo "compreender como o sujeito se constitui enquanto sujeito cognitivo, elaborador de conhecimentos válidos". Assim, promover a linguagem do desenho, como forma de expressão e de utilização como estratégia facilitadora de ensino na educação infantil, na qual o profissional da educação obterá uma visão de como utilizá-lo na leitura de mundo da criança.

I. INTRODUÇÃO:

O diálogo da temática surge a partir do significado do termo competência caracteriza-se pelas ações de um indivíduo em determinada tarefa, na qual as pessoas são designadas devidas as suas habilidades, assim para Zabala (2010, p. 17) o termo competência, surge para "designar o que caracteriza uma pessoa capaz de realizar determinada tarefa real de forma eficiente".

Para Garcia (2013), o esquema segue a concepção piagetiana em uma estrutura invariante de uma operação ou de uma ação, não estando assim condenado a uma repetição idêntica, mas podendo sofrer acomodações, dependendo da situação vivenciada pela criança.

Portanto partimos da seguinte questão norteadora o que torna um professor competente? Sua disciplina que leciona ou aquele que proporciona uma resposta adequada.

A resposta para essa pergunta varia de acordo com o seu ambiente, pois, manifesta-se em diferentes tipos de situações, como por exemplo: se o professor não estiver preparado, pode ser surpreendido com uma pergunta inesperada de um aluno ou os alunos brigaram entre si, o clima na sala de aula não fica propício para o diálogo do conhecimento, então o professor ao desenvolver

essa situação irá demonstrar competência nos relacionamentos humanos. “[...] a escola se reduz então a um simples instrumento de transmissão das necessidades que surgem no caminho, da criança” (ZABALA 2010, p 20) neste contexto competências passam a serem as diferentes formas de utilizar as habilidades em diferentes ambientes.

“O espaço da sala de aula é caracterizado de acordo com a Teoria das Situações didáticas pela tríade professor, aluno e o saber” (MENDES 2006, s/a). Um processo educativo desenvolvido de forma satisfatória poderá impulsionar o desenvolvimento de todas as competências de um professor, mediada pela formação continuada e de conceitos utilizados para facilitar o desenvolvimento estratégico de ensino.

Portanto determinar estratégias é um dos passos mais difíceis de compreensão devido à existência de conceitos variados, na qual estratégia ainda não é algo pré-definido e sim “arte de conseguir resultados”. Assim a estratégia é desenvolvida a partir de uma boa análise que compreenda todo o conjunto de variáveis e circunstâncias daquele momento. Em seguida a análise, segue-se ao planejamento, neste caso o didático que servirá para desenvolver as competências dos professores estabelecendo uma correlação de conhecimento com os alunos, através do desenho, promovendo assim uma leitura de mundo de forma eficaz, promovendo a abertura de caminhos para diálogo com a episteme.

Vale ressaltar que um bom planejamento não define uma boa estratégia, mas não define que as coisas ocorrerão exatamente como o planejado, portanto o professor ao estar trabalhando suas estratégias deverá estar preparado para uma possível eventualidade, portanto estará ligada aos resultados alcançados.

Através do desenho o professor pode fazer leitura de mundo da criança, e produzir o conhecimento por meio de estratégias facilitadoras para o ensino e aprendizado, tendo como mediador desse planejamento didático e estratégias de ensino, o desenho na educação infantil, fazendo como que a criança encontre seu equilíbrio afetivo, transmitindo aquilo que ela está sentindo, dando ênfase a cada detalhe a ser interpretado pelo professor, como: a personalidade os problemas na aprendizagem e sociais. A forma que a criança desenha não é somente um símbolo arbitrário que representa um objeto do mesmo modo que uma palavra representa um objeto, deve haver alguma semelhança entre o desenho e o que ele representa. (COX, 2007, p.25)

Para Cox (2007, p. 26, grifo do autor) afirma que:

“[...] por mais que as crianças se preocupem com a semelhança *visual* entre seu desenho e o que ele representa, o problema que está empenhado em resolver é como fazer os traços no papel de modo que possamos reconhecer seu significado.”

Tal afirmativa deve ser compreendida e observada pelo professor de modo que possa identificar no desenho parte da personalidade da criança, por exemplo: por onde a criança começa a desenhar, sua preferência por cores, a forma de seus desenhos, padrões preestabelecidos e até mesmo a forma de segurar o lápis.

II. O DESENHO COMO FORMA DE LEITURA DE MUNDO DA CRIANÇA

Ao fazermos leitura dos manuais didáticos observamos que se constituem como único recurso disponível para o desenvolvimento docente exercendo influência sobre a atuação do professor, norteando assim suas ações em sala de aula. Desse modo, o livro didático é diretriz básica do professor, e não apenas um suporte, um apoio, sendo o único material de estudo que o professor tem disponível para a sua formação continuada.

No entanto um professor consciente da importância do ato de ensinar, e do aprender para o seu aluno, encontrando meios que possam ajudá-lo no traçado do seu planejamento de estratégias, utilizando tanto as suas competências como as dos seus alunos, por meio do desenho.

De acordo com Cox (2013, p. 22), as crianças estão sendo limitadas pelos adultos e os imitando, construindo uma forma no papel e dando nome a ela. Quando a criança não sabe como construir a figura, a mesma entende pode dá nomes aos seus rabiscos. Esse estágio é percebido que há necessidade de fazer uma declaração verbal, caso se o adulto não souber identificar seus desenhos, deixando bem claro nesta passagem:

Mesmo sem saber como construir as formas dos objetos em si, as crianças captam bastante conhecimento sobre esse negócio de fazer desenhos. Sabem, por exemplo, que cada objeto ou cada parte de um objeto pode ter seu próprio traço ou forma. Adquirem também uma boa noção de como as formas devem ser dispostas na página [...] (COX, 2007, p. 23)

Existem momentos que as crianças através dos seus rabiscos espontâneos notam-se alguma semelhança com algo que elas conhecem. O adulto pode pedir a criança para desenhar uma pessoa, por exemplo, porém, ao término do seu rabisco ela exclama que desenhou um pássaro. Será que ela teve realmente a intenção de desenhar uma pessoa ou ela reinterpretou o desenho quando acabou de desenhar mostrando que ficou diferente do que a esperava. Também pode acontecer que a criança

fique surpresa e maravilhada com seu desenho, tirando a conclusão que foi o melhor desenho que fizera.

Pode-se perceber que a criança tem um leque de imaginação limitado somente por si própria ou por uma pessoa que indireta ou diretamente pré-estabelece suas ações para o desenho, portanto cabe ao professor aproveitar o interesse da criança pelo desenho para aborda-la em diferentes situações como, o conteúdo da aula a ser estudado, o seu estado psicológico e afetivo, variando de acordo com as observações do professor, pois é ele quem melhor poderá fazer a leitura de mundo de cada criança, sempre lembrando que nenhuma delas é igual, suas situações sociais, seus estados afetivos, e suas condições no ambiente se diferem, portanto não exigir é a melhor forma de receber colaboração com o trabalho através do desenho, deixando a imaginação dos alunos livre é possível que se tenha também uma aula agradável para ambos, professor e aluno, na qual terá a *tríade da didática*, bem trabalhada.

III. O USO COMPETÊNCIA COMO FERRAMENTA INTERDISCIPLINAR ESTRATÉGICA DA DIDÁTICA.

De acordo como Libânio (1994, p. 13).

Está difundida ainda uma visão de senso comum de que a didática é a parte prática do ensino [...] como há uma ideia de que o campo do pedagógico é o campo dos metodológicos, também há uma ideia de que o campo do didático e dos métodos e técnicas de ensino.

A didática é vista como ferramenta fundamental para exercer a docência, é através dela que o educador aprende a arte de ensinar. Para alguns interlocutores é a teoria do ensino. Portanto a didática estuda os diferentes processos de ensino/aprendizagem colocando em prática as diretrizes da teoria pedagógica.

Fazenda (2005, p.21-23) aborda que “o primeiro passo para a aquisição conceitual interdisciplinar seria o abandono das posições acadêmicas prepotentes [...] necessitando uma vontade para um olhar mais atento às praticas pedagógicas”, voltando o olhar para essas práticas, poder-se a ter uma educação voltada para a formação crítica dos alunos, deixando de lado as “superioridades” das disciplinas. Na qual “[...] quatro questões formam a base para uma teoria do

ensino interdisciplinar: pedagogia apropriada; processo integrador; mudança institucional; relação entre interdisciplinar e interdisciplinaridade” (KLEIN, 1998 p.110).

No entanto todos os quatro pontos estão interligados, pois, estão voltados para a importância da formação do professor, sendo uma formação continuada podendo ser utilizada como estratégia facilitadora para a aquisição de conhecimentos que abordem o desenho como forma de leitura de mundo, especificando neste ponto que o profissional educador terá que abordar a leitura individual de cada criança, fazendo com que a própria criança desenvolva suas habilidades cognitivas de acordo com suas memórias, pois de acordo com Barbosa “o processo de aprendizagem vai se consolidando aos poucos, [...] sendo retida através de formas hereditárias programadas para a sobrevivência, à capacidade de reter informações, ou seja, a memória” (BARBOSA, 2006 p. 39)

Para o aprendizado ganhar estrutura na mente, ele deve ser codificado para assim ganhar uma concretude, o desenho. Existem diversos tipos de memória, que de acordo com Barbosa (2006, p 43), são: *Visual, auditiva, motora, afetiva, locativa nominativa, gustativa e tátil.*

O visual é aquele tipo de memória que retém com facilidade as coisas que vê. Os fisionomistas e as pessoas que lembram facilmente as feições dos outros tem esse tipo de memória. *O tipo auditivo* guarda principalmente sons os músicos, por exemplo, tem este tipo de memória. *O tipo motor* é responsável pelos movimentos, pelos atos, depois que se executa uma sequência de movimentos, repete quantas vezes forem necessários, os dançarinos tem este tipo de memória. *A memória afetiva*, esta ligada a facilidade de se guardar momentos emotivos, tanto positivos quanto negativos. *A locativa* é a aquela que registra lugares. *O tipo nominativo*, é aquela facilidade de guardar nomes. *A memória tátil* está relacionada ao ato de tocar. Há também a memória olfativa, que reconhece aromas esta, porém é desenvolvida, principalmente por peritos especialistas em cheirar. (BARBOSA, p. 44-45, 2006).

Percebe-se que a memória é fator importante para o aprendizado, conhecer os vários tipos de variações, ajuda no desenvolvimento das competências e habilidades dos profissionais que trabalham com as crianças, que possuem ou não alguma deficiência, a desenvolverem seus aspectos cognitivos mais eficientes. Podendo posteriormente, desenvolver as outras modalidades, não ultrapassando o limite do conforto, da criança. Não incentivando o decorar ou limitar a estrutura do desenho da criança, pois este só é efetivo naquele pequeno momento posteriormente ele não será mais lembrado, não importa quanto esforço seja gerado para este, para ter “algo” guardado na memória, “este” tem que possuir algum significado, logo decorar ou copiar algo, não é significativo.

Vale ressaltar que a perda de memória é um dos graves problemas de aprendizagem levando a afetividade do aluno para um estado sensível, contudo não se pode confundir esquecimento com *Amnésia*. O esquecimento é algo natural, é uma forma de abirmos espaço para guardarmos mais informações. Já a amnésia é patológica, e varia de acordo com seu grau de extensão, parcial (quando o individuo esquece determinados acontecimentos) ou geral (o individuo esquece todos os fatos da sua vida). (BARBOSA, p. 46, 2006)

De acordo com Zabala (2013, p.23) “[...] as mudanças que as competências representam para o ensino são profundas, pois, apesar da aparente permanência dos mesmos conteúdos, a estrutura organizacional da escola, a gestão dos horários e a formação dos professores não estão pensadas nem preparadas para um ensino [...]”. As mudanças são profundas devido a toda ação toda pelo sistema, decorre consequências, e a transformação do ambiente escolar pode prover uma aprendizagem melhor ou não. Referente aos conteúdos, apesar de serem recebidos, devem sempre passar por mudanças, pois a criança é um ser sempre em transformação. Todo tipo de mudança tem seu efeito, devendo ela no ensino do aluno ser transformadora buscando sempre prepará-lo para a sociedade, e devido a muitos professores não utilizarem o planejamento como estratégias acabam perdendo sua competência de ensinar, deixando de ser uma educação transformadora.

Machado (2002) pontua que, quanto mais a abstração sobre um tema for relacionada a múltiplos contextos, mais fecundo é o aprendizado. Quando se trata de dado conhecimento, cabe ao professor explorar com os alunos situações no qual este se aplica ou pode vir a ser aplicado. Esse talvez seja um exercício de leitura de mundo da criança. Explorar as condições para efetivar as estratégias, as variáveis que tendem a interferir ou não, as possibilidades de sucesso ou de fracasso, tudo isso colabora para efetivar a prática educativa com vistas ao desenvolvimento de competências como ferramentas no processo de ensino educador.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contudo artigo proporciona uma visão mais clara dos desenhos e o que cada um pode representar no cognitivo da criança. O desenho então é somente uma ponte de aceso para o figurativo imaginário, este é a fase que a criança começa a dá formas ao seu desenho, e através desses rabiscos o professor terá de elaborar suas habilidades de leitura para compreender o que se passa na mente do aluno. Através do desenho, a criança naturalmente cria e recria formas expressivas onde integra a imaginação e a realidade fazendo com que seu desenho seja um canal de

comunicação entre ela mesma e o mundo exterior sem os obstáculos, regras e noções estéticas sociais que futuramente possa absorver. Por fim, só se deve tentar compreender os desenhos através da explicação que a criança nos dá sobre esse desenho. A criança tem que fantasiar/imaginar a história do seu desenho e contá-la para seus pais ou professores, pois a convivência, e a formação do aluno dependem da sua interação com o ambiente escolar e a escola, e que a sua formação deve ser interativa de forma que o aluno se sinta seguro para encarar os problemas da vida.

Na parte que se encerra do texto competência como ferramenta interdisciplinar estratégica da didática, Barbosa (2006, p 49), aborda sobre as dimensões sociais da aprendizagem, e afirma que “esta dimensão está ligada à transmissão de cultura pelas diversas instituições. A escola é responsável pela educação primária, e a família com a secundária”, o Educar ganha certa operacionalidade, ou seja, é ensinar como algo deve ser feito, Barbosa *apud* Pain (1985, p.18) diz que, “desta forma a criança aprende a expressar-se, e a maneira que se faz a educação e prescrita por maneiras sociais de comportamento”.

Contudo, durante o percurso da cognição mesmo não sendo explicitados, percebe-se que as três dimensões, biológica, cognitiva e social, são determinantes no processo de aprendizagem e podem ou não ser favorecidos pelos ambientes externos e internos, levando o indivíduo a desenvolver suas capacidades mentais com mais facilidade ou, trabalhadas por etapas do desenvolvimento.

Tem-se então a necessidade de conhecer as diferentes memórias pois sua importância para a criança não é estabelecida, porém para o sujeito que ensina, torna sua prática de ensino mais efetiva, o que o leva a busca de uma formação continuada visando a facilidade de compreender a visão do seu aluno sobre o desenho, onde o educador passara a ter uma certa prática.

V. REFERENCIAS

Comentário escrito por: Dra. Lenise Aparecida Martins Garcia.

Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0023e.html>>
Acessado em: 22/09/2013

BARBOSA, Ierecê. As Dificuldades de Aprendizagem. In.:_____ **Tempo de Aprender: uma abordagem psicopedagógica sobre as dificuldades e transtornos da aprendizagem.** 6. ed. Manaus: BK Editora, 2006, p 39-49.

BRITO MENEZES, A.P.A.. **Contrato Didático e Transposição Didática: Inter-Relações entre os Fenômenos Didáticos na Iniciação á Álgebra na 6º Série do Ensino Fundamental.** Tese de Doutorado não publicada, UFPE, 2006.

COLL, C.; GILLIÈRON. C. **Jean Piaget**: o desenvolvimento da inteligência e a construção do pensamento racional. In, LEITE, L.B. (org) Piaget e a Escola de Genebra. São Paulo: Cortez, 1987. p. 15-49

COX, Maureen. Os primeiros desenhos das crianças. In:_____. **Desenho da criança**. 3º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 13-26.

Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/administracao-e-negocios/afinal-o-que-e-estrategia/691/>> Acessado em: 22/09/2013

LOWENFELD, Viktor. A criança que rabisca: dos 2 aos 4 anos de idade. In:_____. **A criança e sua arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

PIAGET, J. **Psicologia da inteligência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983

ZABALA, Antoli. O termo competência surge como resposta às limitações do ensino tradicional. In:_____. **Como aprender e ensinar competências**. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 17-26.

